



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9413 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

VULNERABILIDADE SAUDÁVEL: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A POROSIDADE
COM OS COTIDIANOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO/BRASIL

Silvia Beatrix Tkotz - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

VULNERABILIDADE SAUDÁVEL: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A POROSIDADE
COM OS COTIDIANOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO/BRASIL

RESUMO

O texto comunica resultados parciais de pesquisa de doutoramento que versam sobre as criações curriculares nos cotidianos de uma escola pública da periferia de Duque de Caxias/RJ/Brasil. Busco enredar a pesquisa científica e a vibração do cotidiano com a diversidade e a multiplicidade das formas de fazer currículos pensadospraticados. A partir da observação e de registros escritos, apresento conversas complicadas como oportunidade de pensar currículo, (auto)formação e pesquisa. Defendo visibilidade como direito e narro as práticas educativas, os percursos de formação das professoras e as palavras sopradas das crianças. Na tensão entre o que é prescrito e o que é pensadopracicado, a pesquisa apresenta os modos de fazer Educação Ambiental, na construção de saberes, identidades e pertencimentos na porosidade com os cotidianos dessa escola. Os projetos que foram acontecendo na caminhada para uma escola sustentável alcançaram experiências e reflexões em coletividade, consumismo, ecologia e sustentabilidade, em um processo de permanente reconstrução/recriação e troca, colocando em questão a preservação e a defesa ambiental.

Palavras-chave: criações curriculares; práticas pedagógicas; currículos pensadospraticados

Pesquisadora com os cotidianos escolares, venho acompanhando as criações curriculares nos cotidianos de uma escola pública, suas práticas pedagógicas e a formação das professoras para compor minha tese de doutoramento. A pesquisa parte da observação e de registros escritos sobre o dia a dia dessa escola –

denominada ESCOLA nesse texto – em que atuo como orientadora pedagógica. A partir desse material, lincando com a pesquisa bibliográfica, feita paralelamente, são tecidas as relações entre o cotidiano escolar e a fundamentação teórica, a fim de apresentar como a ESCOLA cria currículos de maneira democrática em conversas complicadas (PINAR apud SÜSSEKIND, 2014).

Busco enredar a pesquisa científica e a vibração do cotidiano através do registro da diversidade e da multiplicidade das formas de fazer currículo e consigo compreender quando Caputo me fala sobre “a palavra-sopro miúda, a palavra soprada das crianças de terreiros” (2018, p.39), pois meus pesquisados são meus pesquisadorescolaboradores. Assim sendo, eu ouço a palavra soprada das crianças na ESCOLA.

Localizada na periferia de Duque de Caxias/RJ/Brasil, que é uma cidade na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro e abarca grandes populações com enormes contradições entre crescimento econômico e desenvolvimento social, a ESCOLA tem a vulnerabilidade de sua comunidade exposta pela calamidade pública que estamos vivendo. Hoje a caminho de 500 mil mortes no Brasil por COVID-19, não posso deixar de registrar essa dor que me oprime e que gera sofrimento a tantas famílias que tiveram seus entes queridos roubados pela pandemia.

Por um lado, a pandemia expõe uma vulnerabilidade global. Todos são vulneráveis ao vírus porque, sem imunidade, todos são vulneráveis à infecção viral proveniente de superfícies ou de outros seres humanos. Vulnerabilidade não é apenas a condição de ser potencialmente prejudicado por outro. Nomeia o caráter poroso e interdependente de nossas vidas corporais e sociais. Somos entregues desde o início a um mundo de outros que nunca escolhemos para nos tornarmos seres mais ou menos singulares. Essa dependência não termina precisamente na idade adulta. Para sobreviver, absorvemos algo. Somos afetados pelo meio ambiente, pelos mundos sociais e pelo contato íntimo. Essa suscetibilidade e porosidade definem nossas vidas sociais corporificadas (BUTLER, 2020, p. 01)

Na ESCOLA, uma professora é apaixonada por educação ambiental. Já há algum tempo ela provocava conversas sobre essa temática e propunha que se desenvolvesse um projeto voltado para o meio ambiente. As professoras sempre ouviam interessadas as suas propostas, no entanto, a preocupação com as práticas alfabetizadoras e as aprendizagens voltadas para as questões matemáticas acabavam se sobrepondo às frustrantes tentativas daquela professora de iniciar um projeto ambiental. É pactuado pelas comunidades acadêmicas e por documentos curriculares que a educação ambiental tem importância estratégica e, no Brasil, “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal” (BRASIL, 1999). A tensão está entre o que é prescrito e aquilo que é pensadopraticado na porosidade com os cotidianos escolares.

A expressão currículos pensadospraticados foi recentemente criada com o objetivo de deixar clara a indissociabilidade que entendemos

existir entre prática e teoria, entre reflexão e ação. Assim, substituímos o termo currículos praticados, anteriormente utilizado, por esse. Isso porque entendemos que existe, no cotidiano das escolas, uma criação cotidiana de currículos pelos professores e alunos nas salas de aula, gerada a partir do diálogo entre referenciais e reflexões teóricas, possibilidades e limites concretos de cada circunstância e da articulação entre as múltiplas redes de sujeitos e de conhecimentos presentes nas escolas. (OLIVEIRA, 2012, pp. 3-4)

Um dia, no ano de 2019, chegou à ESCOLA um edital que previa premiação para projetos que implementassem propostas de promoção de hábitos saudáveis na vida dos estudantes. A viabilidade do desenvolvimento de um projeto, a partir do momento em que se tem recursos para tal, encheu os olhos daquela e de outras professoras da ESCOLA que começaram a sonhar juntas e a escrever o que poderiam fazer com aquele dinheiro do prêmio. Essa situação ficou bem complicada pois o grupo de professoras começou a se questionar se queria aquele dinheiro vindo da iniciativa privada. E a conversa foi complicada pois, como diz Sussekind (2013, p. 207), “é complicada pelo quanto os professores e estudantes são opacos para si mesmos e para os outros”. Cada um trazia dentro de si compreensões diversas para apresentar suas opiniões e, muitas vezes, as posições individuais entraram em conflito. Eram muitos viveres que estavam em disputa e a formação das professoras acontecia enquanto se estabelecia o que seria a decisão do coletivo.

A luta das professoras da ESCOLA vinha sendo há muito tempo por financiamento público para escola pública. Como abrir mão desse modo de pensar? As professoras carregam as marcas do debate do Plano Nacional de Educação de 2014-2024 e das interferências múltiplas dos empresários nas políticas curriculares. Valeria concorrer àquele prêmio? As professoras se sentiam incomodadas. Umas mais afetadas por essa sensação de desconforto, outras menos. Dentre tanta conversa que suscitou a possibilidade do prêmio, a decisão precisou ser tomada por votação e venceu a redenção ao dinheiro. Alguém disse: “Se esse dinheiro não vier para nossa escola, irá para outra, talvez até que precise menos. Vamos concorrer!”. E assim foi feito.

Acompanhar essas conversas complicadas é oportunidade de pensar (auto)formação e buscar entender os currículos e o que acontece na ESCOLA por meio da noção de currículos pensadospraticados (OLIVEIRA, 2012). Da conversa, nasceu um projeto bem elaborado, que foi premiado. E assim, a ESCOLA conseguiu o valor em dinheiro para colocar em prática várias ideias daquela “professora verde” e outras tantas mais que foram pensadaspraticadas pelo coletivo. “As práticas curriculares fazem parte de redes de saberesfazeres como um processo de permanente reconstrução/recriação e troca” (SUSSEKIND, REIS, 2015, p.621). Muitas têm sido as maneiras de aprender a cuidar do ambiente que vem sendo (re)criadas nesse espaçotempo de porosidade e aprendizagens. Desse modo, em conversas complicadas, essa escola vai criando currículo cotidianamente.

Assim, os currículos podem ser considerados também tessituras de experiências, processos de recriação/escritura permanente dos

próprios conhecimentos, que têm suas histórias, e das pessoas e da própria sociedade. Na vida cotidiana, que é sempre plural, nas escolas, tecendo *redes de conhecimentos e subjetividades* (SANTOS, 2001) os currículos criados com professores e estudantes convocam experiências sociais e nesse sentido podem ser espaços-tempos de emancipação social, democracia e justiça cognitiva (SÜSSEKIND, 2019, p.100).

O projeto premiado previa o trabalho pedagógico com a temática da saúde e da alimentação sustentável. A criação de uma horta auto irrigável foi um dos pilares do projeto e no decorrer da caminhada, muitas outras propostas foram sendo realizadas. Foi interessante observar como aquela “professora verde” foi convidando as outras professoras a abraçarem as ideias. Um mural no pátio, onde era colocada uma foto de quem se envolvia com alguma tarefa ajudava a compreender a proposta de grupos de responsabilidade, que eram organizados a partir dos interesses dos estudantes, os quais se inscreviam para apoiar alguma das muitas ações que a ESCOLA desenvolveu. Cada grupo de responsabilidade tinha uma professora acompanhando, que se reunia semanalmente para ouvir novas outras propostas e enredar tarefas coletivamente, na criação de currículos.

As professoras criam currículos e conhecimentos ao trazer para o universo dos conteúdos formais socialmente válidos e legitimados pelos textos oficiais um sem número de outros conhecimentos, valores, crenças e convicções que, articulados aos primeiros, dão origem a redes de conhecimentos e a currículos que levam a efetivos processos de tessitura de conhecimento pelos alunos (OLIVEIRA, 2012, p. 106).

Observar o cotidiano na tentativa de entreolhar os possíveis caminhos, produzindo perguntas tornou-se uma forma de agir intencional, consciente e crítica na ESCOLA. A metodologia adotada pela ESCOLA foi também a conversa, que acontecia nos grupos de responsabilidade, em assembleias semanais com os estudantes e na resolução de conflitos, como possibilidade do entreolhar constante das pessoas envolvidas, elo em que muitos se ligavam participativamente, para ir para além de regras, determinações legais, diretrizes e orientações do poder instituído que delimitam e direcionam o trabalho a ser realizado.

Nenhuma concepção, texto ou perspectiva prática quanto ao projeto desenvolvido aconteceu do modo como foi pensado/proposto/planejado. É que os processos reais de aprendizagemem são habitados por saberes/poderes/quereres dos seus políticopraticantes (OLIVEIRA, 2012, p. 380-382). A horta foi quase um fracasso. A ESCOLA teve problemas com a empresa que foi contratada para a construção da estrutura, o que fez com que todo o planejamento de plantio desse errado pelo atraso. No entanto, outras ações superaram o planejamento e a expectativa.

No cuidado com o meio ambiente como lugar de partilha, de vida em comum, a ESCOLA desenvolveu várias ações como a coleta de PET, o “Experimentar faz bem”, o “Minhocário”, a “Reciclagem do papel”, o “Rodando com Tampinhas”, dentre outras. Com a proposta a promoção da saúde através da reflexão de valores,

hábitos e estilos de vida, a ESCOLA incluiu a conversa sobre práticas esportivas e brincadeiras mais ativas na comunidade e realizou encontros para atividades como futebol entre as famílias e aula de zumba coletiva. E pensar sobre a noção do que é saudável foi ganhando contornos diferentes em cada momento.

Apresento as histórias das práticas educativas e os percursos de formação das professoras na ESCOLA enquanto pesquisa e militância nos movimentos políticos em defesa das escolas públicas. Como me encoraja Butler (2018), visibilidade é um direito. Na tensão entre o que é prescrito e o que é pensadopracicado, a pesquisa apresenta os modos de fazer Educação Ambiental, na construção de saberes, identidades e pertencimentos nessa escola. Os projetos que foram acontecendo na caminhada para uma escola sustentável alcançaram experiências e reflexões em coletividade, consumismo, ecologia e sustentabilidade, mas foram adormecidos com a suspensão das aulas devido à pandemia, em março de 2020. As aulas voltaram parcialmente presenciais, em um modelo híbrido com atividades para casa, em fevereiro de 2021. Devagar, a ESCOLA vem despertando para a educação ambiental e, desse modo, vem agregando propostas que estimulam a coletividade, o consumismo consciente, a conscientização para a preservação e a defesa ambiental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 DE ABRIL de 1999. Estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, DF, 28 abril 1999. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm Acessado em 10 de jun de 2021.

BUTLER, Judith. O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades. [Entrevista concedida a] George Yancy. Carta Maior. São Paulo, 10 jun. 2020. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390> Acesso em: 10 jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAPUTO, Stela Guedes. Reparar miúdo, narrar kékeré - notas sobre nossa fotoetnopoética com crianças de terreiros. **Revista Teias**, [S.l.], v. 19, n. 53, p. 36-63, jul. 2018. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/34443>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. **A BNCC e o “novo” ensino médio**: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 13, n. 25, p. 91-107, jan./maio 2019.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Das teorias críticas às críticas das teorias: um estudo indiciário sobre a conformação dos debates no campo

curricular no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 22, núm. 71, 2017. Disponível em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/275/27553035013/html/index.html> Acesso em 15 jun. 2021.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; REIS, Graça Franco da Silva. Currículos como experiências vividas: um relato de embichamento nos cotidianos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro. **Currículo sem Fronteiras** [online], v. 15, n. 3, p. 614-625, dez. 2015. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/sussekind-reis.pdf>. Acesso em 15 05 2021.

SÜSSEKIND, M. L. As (im)possibilidades de uma base comum nacional. **Revista e Currículum**. São Paulo, v. 12, n. 03 p. 1512 – 1529 out./dez. 2014.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. Entrevista com William F. Pinar. **Revista Teias**, [S.l.], v. 14, n. 33, p. 9, dez. 2013. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24376/17354>>. Acesso em: 12 maio 2021.